

# O nhenhênm do Presidente

03 MAR 1995

MARIA LUÍZA FONTENELE

Nós professores reunidos no Congresso da Andes (Associação dos Docentes do Ensino Superior), fomos instigados pelo sr. FHC, não só pelo ataque que fez às universidades públicas, como pela sua tentativa de desqualificar o discurso e a liderança do movimento docente e sindical, ao dizer que age de má-fé ou é bobo quem faz alusão à sua postura neoliberal. Afirmando ainda que a insistência em associá-lo ao neoliberalismo é nhenhênm.

Interessante notar que na sequência, Ciro chamou o interlocutor de otário, Tasso, de dinossauro e FHC, de bobo, quando cobrados sobre as medidas neoliberalizantes implementadas contra o interesse popular. Eles avançaram de igual forma tentando nocautear opositor antes de esclarecer as regras do jogo.

Não podemos julgar FHC pelas teses defendidas em seus compêndios de teoria de desenvolvimento ou mesmo por artigos escritos num passado próximo defendendo a ne-

cessidade de recursos para as universidades públicas. As ações dos indivíduos só devem ser referenciadas no passado quando guardam coerência com o mesmo. Ele nega o que escreveu ao determinar hoje com veemência a contenção de recursos para as universidades públicas, ao tempo em que propõe avaliação do ensino superior de cima para baixo, pondo em risco a autonomia universitária.

Sem qualquer nhenhênm, atitudes do passado à parte, não há dúvida de que o eixo fundamental da campanha presidencial de Fernando Henrique e do seu programa de governo são nitidamente neoliberais. O conteúdo da mensagem governamental, lida por ocasião da sessão de reabertura do Congresso Nacional, explicita claramente a desestatização e a desregulamentação da economia. O Governo propõe: a quebra dos monopólios estatais; fim das vantagens concedidas às empresas nacionais; abre a exploração do subsolo ao investimen-

to estrangeiro e não impõe qualquer limite à parceria Estado-iniciativa privada.

É igualmente neoliberal a determinação de enviar trezentos milhões de dólares para salvar a economia do México, em que pesa a necessidade de salvar milhares de crianças brasileiras, pois sendo o modelo implantado na América Latina unitário, o que acontece num país automaticamente reflete no outro. A crise de liquidez no México e na Argentina fez cair a bolsa de valores no Brasil pela oitava vez consecutiva nesses últimos dias.

Respondendo ao desafio lançado pelo presidente FHC, o Congresso da Andes coloca-se na linha de frente na proposta de esclarecer ao conjunto da população a natureza perversa do projeto neoliberal e da unificação de todos os setores da sociedade contra a sua implantação e o governo FHC, que o representa.

■ Maria Luíza Fontenele é ex-deputada e socióloga

JORNAL DE BRASÍLIA